

Lugar de coisa antiga? Considerações sobre a importância, contextos e conceitos dos museus na contemporaneidade

Mikael Miziescki¹

O que é um museu? Fiz essa pergunta a alguns alunos de 1º à 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito Dário Crepaldi, instituição de ensino em que leciono aqui em Morro Grande/SC, no intuito de coletar dados (diagnóstico) para compor o meu planejamento anual de 2021. Deparei-me com a frase: *lugar que guarda coisa antiga*. Essas palavras foram as mais proferidas pela maioria das crianças e adolescentes entre sete e catorze anos destas turmas. Outras respostas que surgiram ao meu questionamento, foram: *lugar grande e antigo, coisa que existe longe da gente e casa que cuida de obras de arte*. Em dados momentos o museu é lembrado como cenário de filmes, dos mais assustadores aos de aventura, como no caso dos fósseis de dinossauros expostos continuamente na franquia *Jurassic Park* (1993-2018), na sequência de *Uma noite no Museu* (2006, 2009 e 2014), no terror da *Casa de Cera* (2005), nas muitas visitas dos personagens ao Museu do Cario n' *O Retorno da Múmia* (2001), entre outros.

Os estereótipos de museu caminham para uma interpretação de instituição estacionada no tempo, que expõe fragmentos do passado e que está longe do mundo tecnológico contemporâneo. Mas será que estas noções primárias de museus fazem sentido? Aliás, você sabe definir o que é museu? Será que estes espaços de memória fazem falta? Você já ouviu falar sobre o Dia Internacional dos Museus? Pois bem, convido você a conhecer algumas das possíveis respostas a estas e outras questões nesta união de considerações, entrevistas e reflexões acerca dos museus. Vamos lá?

Para início de conversa, nada mais pertinente do que convidarmos alguém especialista no assunto para contribuir com nosso texto, não é mesmo? Sendo assim, entrevistamos a professora Sandra Paschoal Leite de Camargo

¹É pesquisador licenciado em Artes Visuais, especialista em Teoria e História da Arte e mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade. É professor de Artes da Prefeitura Municipal de Morro Grande e coordenador do Grupo de Trabalho da Cultura do Geoparque Aspirante UNESCO Caminhos dos Cânions do Sul.

Guedes. Graduada, mestre e doutora em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e pós-doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Lisboa, nossa convidada é professora-pesquisadora no departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade (Mestrado e Doutorado) da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). É diretora do Museu Arqueológico do Sambaqui de Joinville/SC, membro do Conselho Diretivo do Sistema Municipal de Museus, coordenadora do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares em Patrimônio Cultural, membro do Conselho Internacional de Museus (ICOM-BR) e da Associação Nacional de História – Seção Santa Catarina (ANPUH-SC).

- Professora, o que é museu?

- Essa pergunta é muito difícil de responder (risos), pois há uma infinidade de tipos de museus que desempenham funções variadas em diferentes partes do mundo. As funções dos museus foram se modificando ao longo do tempo e acompanhando os diferentes contextos históricos. Os museus surgiram na antiguidade com o objetivo de guardar grandes coleções de reis e imperadores. Geralmente essas coleções eram compostas de obras de arte e objetos preciosos como joias e outros artefatos, elaborados com materiais raros, geralmente obtidos através de guerras e conquistas e que, por isso, simbolizavam o poder daqueles que os possuíam. Com a finalidade de fortalecer esse poder, essas coleções passaram a ser mostradas a pequenos grupos e, ao longo do tempo foram abertas a um público maior. Foi apenas por volta do século XVIII, que os museus públicos começaram a ser criados, muitos dos quais provenientes daquelas coleções milenares, outros de novas coleções surgidas a partir de novas conquistas, guerras e até de compras ou doações que visavam, principalmente, demonstrar o poderio das novas nações que estavam se formando. Portanto, desde então, os museus passaram a ser os responsáveis por guardar e transmitir a memória das nações, mas continuando a ter a preocupação principal de guardarem objetos raros, de grande valor monetário e estético. A partir do século XX as funções de colecionar, preservar, transmitir a história (principalmente através das exposições) e de educar, foram

sendo lentamente adaptadas aos avanços das ciências, transformando os museus de lugares onde uma infinidade de objetos antigos eram apresentados sem muitas explicações, a lugares com muita interatividade e com suas funções ampliadas que levam a uma preocupação de que essas instituições sirvam à sociedade a partir das necessidades impostas por ela. Assim, atualmente os museus podem ser definidos como uma: “[...] instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e de seu meio, com fins de estudo, educação e deleite” (ICOM, 2007).

- Professora, os museus estão estacionados no tempo?

- Os museus são, ou deveriam ser, instituições vivas e dinâmicas, que mexem com a memória e a imaginação das pessoas e, por isso, possuem uma função social muito importante. Exatamente por causa disso, o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM – definia, de forma bastante poética, os museus em 2010: “os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas”. Isso significa dizer que os museus atualmente não devem ser apenas lugares onde são montadas exposições para as pessoas visitarem e contemplarem, mas lugares de pesquisa e difusão do conhecimento adquirido. Esse conhecimento pode ser difundido através de exposições, mas também de publicações, vídeos, e atividades educativas. Atualmente, com a pandemia da Covid 19, os museus de todo mundo estão se reinventando para colaborar informando a população acerca dessa doença que aflige o mundo, promovendo palestras, exposições e cursos online, além de atualizarem e incrementarem suas mídias sociais, virtualizando seus acervos e exposições de maneira que seja possível passear em visitas virtuais nas exposições dos mais diferentes museus do mundo. São novas experiências, novos investimentos, que, certamente serão incorporados às atividades então existentes nos museus. As novas gerações têm a possibilidade de conhecer museus do Brasil e do restante do mundo sem sair de suas casas, pelo computador ou por um aparelho de celular. Esses são exemplos do museu do século XXI. Uma

instituição viva e que procura participar ativamente no tempo em que está inserida.

Esta fala da professora Sandra, dialoga diretamente com os princípios fundamentais dos museus propostos pela lei federal nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009:

I – a valorização da dignidade humana; II – a promoção da cidadania; III – o cumprimento da função social; IV – a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; V – a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural; VI – o intercâmbio institucional (BRASIL, 2009, p.1).

Atualmente, possuímos diferentes tipos de museus no Brasil que corroboram com estes princípios, como por exemplo: o Museu do Amanhã (Rio de Janeiro/RJ), que dispõem de um acervo digital e investe em mecanismos tecnológicos para propor experiências sensoriais acerca da ciência e das múltiplas pesquisas em torno de questões como de onde viemos, quem somos, onde estamos, para onde vamos e como queremos ir; o Museu de Arte de São Paulo – MASP (São Paulo/SP), que detém um dos mais importantes acervos de arte e objetos históricos da América Latina, se propôs a problematizar conceitos por um viés descolonizador nos últimos anos, passeando por temas como o feminismo, história das mulheres, povos originários, racismo, homofobia, entre outros, e tendo a primeira curadora indígena em uma equipe museológica do Brasil; o Museu do Futebol (São Paulo/SP) que propõe uma experiência imersiva na história de um dos esportes mais praticados do mundo, entre muitas outras instituições.

Mas quem discute, indica e orienta essas instituições para que sejam cada mais democráticas e possíveis? Você já ouviu falar sobre o ICOM – Conselho Internacional de Museus? Trata-se de organização não-governamental criada em 1946 que é vinculada a UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura:

É uma associação profissional sem fins lucrativos, financiada predominantemente pela contribuição de seus membros, por atividades que desenvolve e pelo patrocínio de organizações públicas e privadas. Sua sede é junto à UNESCO em Paris (França) e sua diretoria é composta por um Presidente, um vice-presidente e um

Conselho Executivo, integrado por membros eleitos nas Assembleias que se realizam nas Conferências Gerais. Seu Conselho Consultivo é integrado por representantes dos Comitês Nacionais, dos Comitês Internacionais e das Organizações Regionais. Os afiliados participam de atividades de 117 Comitês Nacionais e 31 Comitês Internacionais. Participam ainda do ICOM 15 associações internacionais afiliadas. Seus mais de 40.000 membros, provenientes de 141 países, participam de atividades nacionais, regionais e internacionais promovidas pela organização: oficinas, publicações, programas de formação, intercâmbio e de promoção de museus (ICOM, 2021, p.1).

Foi o ICOM que criou o Dia Internacional de Museus em 1977 como forma de valorizar estes espaços de memória como importantes meios de promoção da paz entre os povos, difusão de conhecimento, cooperação, desenvolvimento social e o respeito à diversidade das culturas. Esta data é comemorada no dia 18 de maio. A cada ano, os museus preparam atividades e ações especiais a partir de temas escolhidos pelo Conselho. Em 2021, o tema selecionado é: *O Futuro dos Museus: Recuperar e Reimaginar*.

No Sul do Brasil, nós temos importantes museus com significativos acervos artísticos, históricos, culturais, científicos, antropológicos, geológicos, paleontológicos, arqueológicos, etnográficos, tecnológicos, entre outros segmentos. Poderíamos destacar: o Museu Oscar Niemeyer, o Museu da Vida, Museu da Imagem e do Som, Museu do Holocausto, Museu Egípcio & Rosacruz e Tutankhamon e o Museu do Automóvel em Curitiba/PR; o Museu de Ciências Naturais do Rio Grande do Sul, a Fundação Iberê Camargo, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul e o Museu de Ciências e Tecnologia da PUC-RS em Porto Alegre/RS; o Museu de Arte de Santa Catarina, o Museu Victor Meirelles, o Museu do Homem do Sambaqui, Museu de Armas Major Lara Ribas, Museu Histórico de Santa Catarina e o Museu do Judiciário Catarinense em Florianópolis/SC; o Museu das Missões em São Miguel das Missões/RS; Museu de Hábitos e Costumes em Blumenau/SC; Museu Histórico de Londrina em Londrina/PR; Museu Arqueológico do Sambaqui e o Museu de Arte de Joinville em Joinville/SC; entre outros.

Você sabia que há museus dentro do território do Geoparque Aspirante UNESCO Caminhos dos Cânions do Sul? Sim! Temos museu em Cambará do Sul/RS, Torres/RS e Jacinto Machado/SC! Vamos aprender sobre eles?

O Museu Histórico Municipal Irmã Tarcila Montandon Afonso foi criado e instaurado a partir da lei ordinária municipal de Cambará do Sul nº 1.809 em 12

de setembro de 2001. A instituição também é cadastrada no Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul (SEM-RS). Seu acervo possui, aproximadamente, quatrocentas peças que contém elementos representativos da história carambaense, como indumentárias de colonizadores e pioneiros, utensílios campeiros, móveis, moedas, documentos, fotografias, entre outras. O espaço está localizado na rua Adail Valim, nº 31, no centro de Cambará do Sul e tem entrada gratuita. O horário de funcionamento é: de segunda à sexta-feira – das 08h às 12h e das 13h30 às 17h30; sábado – das 09h30 às 11h30 e das 14h às 17h; e domingo – das 14h às 17h. O telefone para contato é (54) 3251-1557.

Já o Museu Histórico, Antropológico, Arqueológico e Oceanográfico de Torres foi concebido a partir da lei municipal nº 1.531 em 10 de setembro de 1973. Seu acervo é composto por uma importante e variada coleção de itens: documentos, roupas, estatuetas, material lítico, objetos históricos, pinturas, maquetes, instrumentos musicais, ossos, móveis, ferramentas etc. No museu também há uma sala dedicada ao Geoparque Aspirante UNESCO Caminhos dos Cânions do Sul, onde estão expostos artesanatos, fragmentos geológicos, materiais de divulgação científica e turística, quadros informativos e objetos representativos dos sete municípios do território. Está localizado na rua Júlio de Castilhos, nº 707, no centro de Torres no antigo prédio da prefeitura e é aberto todos os dias das 14h às 20h.

O Museu Histórico de Jacinto Machado foi inaugurado em 26 de julho de 2003, fruto de uma parceria entre Prefeitura Municipal, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade do Extremo Sul Catarinense. Seu acervo é composto por aproximadamente trezentas peças, provindas de doações da própria comunidade: pontas de flechas, lâminas de machado, cestos, balaios, lascas de pedras, objetos polidos, fragmentos de cerâmica indígenas, pilões, fósseis, moedas, navalhas, canivetes, cédulas de papel, fotografias, relógio de bolso, jequis, prensas de torresmo, discos, gamelas, chaleiras de ferro, quadros, móveis, lamparinas, entre outras. Trata-se de uma coleção constituída por registros materiais dos Xokleng e dos Guarani, dos colonizadores italianos e seus descendentes e dos moradores contemporâneos da cidade. O museu está localizado na rua Governador Celso Ramos, nº 110, no centro de Jacinto

Machado. Atualmente o local está sendo restaurado e encontra-se fechado até a sua reinauguração que deve acontecer nos próximos meses de 2021.

E os municípios que não possuem museu? Faz falta? Para nos ajudar a fundamentar as respostas para estas perguntas, ouvimos o Secretário de Cultura de Praia Grande/SC Kauê Mateus Bellettini:

- Secretário, sabemos que não há museus em Praia Grande. Isso é uma necessidade local? Está previsto nos planos da nova gestão municipal?

- Nas últimas décadas o Município de Praia Grande vem se desenvolvendo impulsionado pelo setor turístico. A inclusão do município no mapa turístico de Santa Catarina evidenciou a grande força turística que não só a cidade, mas toda a região dos Aparados da Serra possui no cenário turístico nacional da atualidade. Nesse quesito, Praia Grande, vem se destacando com o grande setor do turismo na região da AMESC e surge como uma das sete cidades candidatas junto ao consócio para tornar-se um Geoparque mundial da UNESCO. Medidas de proteção ao meio ambiente, de crescimento dos setores turísticos, das trilhas de ecoturismo, hospedagem e gastronomia foram tomadas, nos últimos anos, para equiparar o crescimento econômico do município. Junto a isso, percebeu-se a necessidade de, também, impulsionar o setor cultural, valorizando medidas que fortaleçam as culturas populares e tradicionais, as artes, os artesanatos, a história e os patrimônios culturais. Diante disso, a Secretaria Municipal de Cultura, na atual gestão do município está criando um planejamento inteiramente voltado para a cultura. Existe nesse sentido um esforço de melhorar a estrutura cultural, solidificar as Leis desse setor e incentivar artistas, agentes e espaços culturais no município. Nesse programa estão como objetivo a consolidação das Leis de Inventário do Patrimônio Cultural – tanto material como imaterial – a alteração da Lei que dispõe do Conselho Municipal de Cultura, ampliando o envolvimento do meio artístico no mesmo, tornando-o mais dinâmico e participativo. Uma dessas Leis – a do Conselho – já se encontra em vias de aprovação na casa legislativa do município, enquanto a Lei de Inventário do Patrimônio Cultural encontra-se em fase final de elaboração e articulações políticas. Todas essas ações demonstram os esforços de adequação frente a capacidade dinâmica que a

cultura sempre se colocou. Portanto, as gestões de políticas culturais sempre devem estar voltadas para os interesses que delas demandam. Com tudo isso, pretende-se, a princípio, a partir de um projeto já criado em parceria com a Secretaria de Educação, com o Consórcio Geoparque e com a Diocese de Criciúma – atual proprietária do imóvel - inventariar e restaurar um antigo casarão de arquitetura neocolonial, localizado no centro da cidade, que futuramente, caso venha concretizar-se, abrigará a Casa de Cultura de Praia Grande, bem como, destinará um espaço para a criação de um Museu Histórico. Todo o setor cultural da cidade reconhece a valorização dos espaços históricos como um vetor, também, do setor turístico, ampliando consigo a economia e também a educação. Por isso, a Secretaria Municipal de Cultura não está medindo esforços para concretizar esse projeto pioneiro em nossa cidade, consolidando assim, uma Casa de Cultura e um Museu. O legado histórico da região é enorme, junta-se a identidade quilombola, o legado dos tropeiros, união da cultura agrícola e pecuária, nas quais deram as bases para a formação de nossa cultura e história. Entretanto, o município ainda não dispõe de um espaço público, como um museu, para alocar seu acervo patrimonial, artístico, histórico e cultural. Por isso, deixamos muito clara nossa intenção em mudar esse cenário e fortalecer parcerias com os poderes Estadual, Federal, com a AMESC e com o consórcio Geoparque, para assim, consolidarmos os projetos o quanto antes.

A Prefeitura Municipal de Morro Grande/SC também está envolvida na reativação do Museu Municipal no antigo prédio da Escola de Educação Básica Ana Machado Dal Toé no centro da cidade. O espaço está sendo revitalizado para receber cerca de quatrocentas peças provindas da imigração italiana e também dos Xokleng, que estão armazenadas em um depósito local as vias de sua transferência para a nova sede. O objetivo é que o novo museu abrigue uma exposição geológica e paleontológica temática em parceria com o Geoparque Aspirante Caminhos dos Cânions do Sul e um setor de exposições artísticas temporárias.

Portanto, percebemos que o museu é muito mais que um *lugar que guarda coisas antigas*. É um espaço de disseminação de múltiplos conhecimentos, de desenvolvimento de narrativas, de partilha e promoção de

experiências, de problematização e desconstrução, de valorização e salvaguarda da memória local e de transformação social. O museu é um lugar de ensinar, aprender, experimentar, vivenciar, vislumbrar e sentir. É um mundo mágico que nos teletransporta para além do espaço físico local. É necessário e emergente, onde sua preservação, conservação e proteção são primordiais.

E aí, gostou de nossas considerações? Sugerimos a você uma visita aos museus do nosso território! Bora lá!

Referências:

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. **Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências**. 1. ed. Brasília, DF: República Federativa do Brasil.

ICOM (Brasil). **Conselho Internacional de Museus**. 2021. Disponível em: <https://www.icom.org.br/>. Acesso em: 17 maio 2021.